

Memória e promessa

Conversas com Jesús Martín-Barbero

Conselho Editorial

Alex Primo – UFRGS
Álvaro Nunes Laranjeira – UTP
André Parente – UFRJ
Carla Rodrigues – PUC-Rio
Ciro Marcondes Filho – USP
Cristiane Freitas Gutfreind – PUCRS
Edgard de Assis Carvalho – PUC-SP
Erick Felinto – UERJ
Francisco Rüdiger – PUCRS
Giovana Scareli – UFSJ
J. Roberto Whitaker Penteadó – ESPM
João Freire Filho – UFRJ
Juremir Machado da Silva – PUCRS
Marcelo Rubín de Lima – UFRGS
Maria Immacolata Vassallo de Lopes – USP
Michel Maffesoli – Paris V
Muniz Sodré – UFRJ
Philippe Joron – Montpellier III
Pierre le Quéáu – Grenoble
Renato Janine Ribeiro – USP
Rose de Melo Rocha – ESPM
Sandra Mara Corazza – UFRGS
Sara Viola Rodrigues – UFRGS
Tania Mara Galli Fonseca – UFRGS
Vicente Molina Neto – UFRGS

Observações:

Os textos em **negrito** correspondem à intervenção dos compiladores com o fim de destacar o texto como marca visual em sua organização.

As organizadoras da edição brasileira utilizam RT (Revisão Técnica) em notas para apresentar esclarecimentos. Utiliza-se NT para notas da tradutora. Algumas palavras de difícil tradução foram deixadas como no original para não perderem a força expressiva.

Memória e promessa

Conversas com Jesús Martín-Barbero

Jorge Huergo
Kevin Morawicki

ORGANIZAÇÃO DA
EDIÇÃO BRASILEIRA:

Nilda Jacks
Ana Carolina D. Escosteguy
Veneza Mayora Ronsini



Editora Sulina

Copyright © Jorge Huergo, Kevin Morawicki, 2018

Copyright © Edulp – 1ª edição – 2016

Título original: *Entre la memoria y la promesa. Conversaciones con Jesús Martín-Barbero*

Capa: *Like Conteúdo* (Sobre foto do painel fotográfico de Jesús Martín-Barbero, referido na página 211, de autoria de sua filha Olga)

Editoração e projeto gráfico: *Vânia Möller*

Revisão: *Simone Ceré*

Tradução: *Fabrcia Reginato*

Editor: *Luis Antônio Paim Gomes*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação CIP

Bibliotecária Responsável: Denise Mari de Andrade Souza – CRB 10/960

H887m Huergo, Jorge
Memória e promessa: conversas com Jesús Martín-Barbero / Jorge Huergo e Kevin Morawicki; tradução de Fabrcia Reginato. – Porto Alegre: Sulina, 2018. 218 p.

Tradução de: *Entre la memoria y la promesa – Conversaciones con Jesús Martín-Barbero.*

ISBN: 978-85-205-0820-6

1. Martín-Barbero, Jesús- Entrevista. 2. Teoria da Comunicação. 3. Jornalismo. 4. Comunicação de Massa. I. Morawicki, Kevin. II. Título.

CDU: 659.3

CDD: 070

301.14

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Meridional Ltda.

Rua Leopoldo Bier, 644, 4º andar – Santana

CEP: 90620-100 Porto Alegre-RS

Tel: (0xx51) 3110-9801

www.editorasulina.com.br

e-mail: sulina@editorasulina.com.br

{Setembro/2018}

IMPRESSO NO BRASIL/PRINTED IN BRAZIL

À memória de Jorge Huergo

*Seguimos conversando, amigo,
estando atônitos, contentes,
desarmados, tristes e entusiastas
na arte da conversa, o que tanto
motivava teu ser e estar no mundo.
Tu não estás, mas é como se
estivesses...*

Jesús Martín-Barbero
Kevin Morawicki

Sumário

- 9 Apresentação à edição brasileira
Jesús Martín-Barbero
- 11 BARBERO, para os brasileiros
Nilda Jacks, Ana Carolina D. Escosteguy, Veneza Mayora Ronsini
- 19 Introdução à edição argentina
- 23 Entrada

PARTE 1: AS VIAGENS E A VIDA COMO FORMADORES

- 29 No princípio foi Ávila: anarquistas, a senhora Orosia e o livreiro
- 36 No Chile, entre os Larraín e os operários
- 40 O Padre Alfonso Querejazu, a educação social, Carmen
- 43 Jesús Martín é “Barbero”
- 51 A formação: entre a experiência social e a academia
- 60 Viagens: Colômbia, Paraguai e o regresso à Europa

PARTE 2: AS INSTITUIÇÕES E AS VOZES RESIDUAIS

- 69 Lovaina
- 81 O incômodo lugar do transdisciplinar: o regresso à Colômbia
- 91 A inversão: a comunicação como processo de dominação à dominação como processo de comunicação
- 98 O reconhecimento: nas pegadas de Paul Ricoeur
- 105 A comunicação a partir de Paulo Freire
- 112 A tese de doutorado: um panfleto político, mas também poético

PARTE 3: DOS MEIOS À COMUNICAÇÃO

- 119 Mapas: dos sentidos ao sentido
127 Os fundadores e as cozinhas do campo
131 Em Cali: “Ponho as ciências sociais a estudar comunicação”
140 Rupturas indisciplinadas: dos meios às mediações
147 O calafrio epistemológico
152 A forja: *Dos meios às mediações*
160 A materialidade dos mapas noturnos
164 A metáfora da “matriz” cultural
-

PARTE 4: RUMO A NOVOS MAPAS NOTURNOS

- 173 Um “mapa noturno”, hoje
180 Itinerários: os estudos de comunicação e as culturas populares
184 O sistema educativo e a comunicação: tem que “meter país”
no pensamento e na universidade
194 Sobre os jovens e as culturas juvenis
203 A educação
-

SAÍDA

- 209 “Pensar é sair da borda”
211 O mural fotográfico
215 Há uma saída...
217 Missão cumprida!
Nilda Jacks

Apresentação à edição brasileira

Entré por primera vez al Brasil por Bruselas en el mes de abril del año 1969. Pues allí llegué invitado a acompañar el trabajo del SEUL (Servicio Europeo de Universitarios Latinoamericanos) por su fundador José Abreu Vale. Y el primer encuentro que coordinamos con José fue el “gran” encuentro de brasileños –montones exiliados– en Bonn, la primera capital de la Alemania libre. Y con algunos de esos exiliados brasileños intenté aprender a bailar *samba* un par de años después en Paris(!).

La primera ida al país llamado Brasil fue por invitación de Maria Immacolata Lopes a uno de los primeros grandes seminarios internacionales organizados en Sao Paulo. Y donde lo más interesante fue el “seminario de profesores” que yo dicté en la Universidad de Sao Paulo y en el que yo aprendí de Brasil mucho más que mis “alumnos” con el tema de “los medios y los miedos”.

Después –un largísimo después– recorrí un buen número de ciudades brasileñas desde las que me invitaron no sólo a dictar *seminarios-de-comunicación* sino a participar en seminarios de antropología, juventudes, literaturas, colombianidades, etcétera.

Hoy mis preocupaciones reencuentran las tensiones entre medios y miedos como una de los más profundos traumas que atraviesan nuestras sociedades: en el entrecchoque de los *medios* con los *facebooks* asistimos a una de las complejidades y perversiones sociopolíticas más difíciles analizar culturalmente.

Jesús Martín Barbero en Bogotá, 6 de marzo 2018.

BARBERO, para os brasileiros

Nilda Jacks, Ana Carolina Escosteguy, Veneza Mayora Ronsini

A primeira vez que Jesús Martín-Barbero se tornou Barbero foi no Brasil. É de sua própria boca que tomamos conhecimento disso. Essa e outras tantas histórias é o que o leitor vai encontrar em *Entre a memória e a promessa: conversas com Jesús Martín-Barbero*. Do nosso ponto de vista, a importância da circulação deste texto entre nós referenda a premissa de que as posições teóricas não se dão à margem do contexto biográfico e subjetivo, das experiências de vida e memórias. Ao contrário, adentrar nas visões de mundo, nos modos de pensar e sentir do autor traz à luz uma determinada rede de concepções, pensamentos, ações, atividades, relações e envolvimento que recria o contexto das ideias inerente à própria obra do autor. Se lá, na obra, as ideias estão desencarnadas de sua autoria, aqui elas adquirem corpo e vida, fundem-se texto e contexto de vida.

Sem querermos ser desmancha-prazeres, o leitor vai se surpreender com os relatos de Martín-Barbero sobre suas origens familiares, a centralidade de sua mãe na arquitetura de suas concepções, a influência de inúmeros pensadores, professores e ativistas em sua formação político-intelectual, o interesse pelos jovens, que, por sua vez, se conecta com a experiência de vida dos seus filhos, os ambientes sociais e os espaços de estudo e pesquisa por onde circulou, entre inúmeros outros temas. Alguns desses depoimentos talvez possam soar deslocados porque dão voz a muitos e muitas que já não fazem parte da cena contemporânea, ou seja, referem-se a atores, temporalidades e contextos distantes de muitos dos leitores atuais. Porém, trazê-los à

tona parece ser o propósito desse falante hispano-colombiano porque é a partir dessas mesmas vozes, seja em harmonia, seja em disputa, que ele vai construindo suas teorias. Assim, Martín-Barbero vai fazendo justiça àqueles e àquelas que marcam sua vida pessoal e intelectual.

Em outro nível, neste livro que ora apresentamos, o autor cita obras e autores, contando seus inúmeros diálogos interdisciplinares e seu incômodo com a clausura de suas posições aos limites estritos de uma única disciplina. Resiste a isso; nega que seu pensamento pertença a um escopo disciplinar uno. A diversidade de autores que ele vai destacando ao longo destas páginas dá a ver um circuito heterogêneo de ideias dentro do qual está inserido o autor, sobressaindo-se influências que ele recebe, bem como sua recepção de determinados autores.

Nessa rede, autores brasileiros, partindo de Paulo Freire que foi fundante em sua tese de doutorado (Martin-Barbero, 2018), foram constantes parceiros de sua armação teórica. Em sua obra seminal, *Dos meios às mediações* (Martin-Barbero, [1987] 1997), eles lá estavam para discutir, no âmbito da modernidade e modernização da América Latina, vários fenômenos implicados nos processos culturais massivos. Além da reiterada centralidade de Paulo Freire, mencionada em muitos artigos e entrevistas, também recorre a Darcy Ribeiro, quando trata de nacionalismo e modernidade, e a Francisco Weffort para abordar o populismo. Na esfera da comunicação, indica José Marques de Melo como referência e a importância da Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – como promotora do debate de tal problemática.

Num contexto de formação e consolidação da esfera cultural industrial e mercantil, avança na proposição de entender a cultura popular e massiva no âmbito do nacional-popular, fazendo menção específica a José Miguel Wisnick e Enio Squeff, os quais analisaram a música popular brasileira, relacionando-a aos meios de comunicação na formação das culturas nacionais. Explora, ainda, esses autores no

que diz respeito à questão do negro e da legitimação de sua música, incluindo as reflexões de Muniz Sodré e de Roberto DaMatta.

Quando o desenrolar da crítica cultural alcança o que Martín-Barbero vai cunhar de *mestiçagem*, obviamente abarcando os meios massivos nesse processo, Sérgio Miceli, Ciro Marcondes, Ana Maria Fadul, Teresa Pires do Rio Caldeira, José Guilherme Cantor Magnani são incorporados tanto para tratar da cultura popular quanto para argumentar sobre a importância das mediações na compreensão da cultura massiva e sua relação com o universo popular. É nesse momento que dá valor ao melodrama e às matrizes culturais, valendo-se aqui dos trabalhos e argumentos de Jerusa Pires Ferreira e de Marlyse Meyer, além de recorrer a Eunice Durham para analisar a esfera da cotidianidade e do consumo midiático com o fim de adentrar na mediação do cotidiano familiar.

Se no livro em questão os autores brasileiros ganharam tamanho relevo, o foco se amplia quando ele publica, uma década depois, “Lo que la investigación latinoamericana de comunicación debe al Brasil. Relato personal de una experiencia intercultural” (Martín-Barbero, 1999). Nesse texto, ele conta como foi seduzido pelo Brasil ao fazer um pequeno ensaio sobre Paulo Freire para um curso de Paul Ricouer. A importância desse educador brasileiro, preso e exilado com o Golpe Militar de 1964, é reiteradamente destacada por Martín-Barbero, como se verá numa longa passagem aqui publicada. Mesmo assim, vale registrar que sua relevância ultrapassa as fronteiras da discussão barberiana, marcando presença, especialmente na década de 1970, na pesquisa latino-americana da comunicação. Nesse âmbito, contribuiu, de modo notável, no desenvolvimento de uma vertente de pesquisa interessada em práticas comunicativas democráticas e de caráter horizontal. A empatia teórica entre eles tem aí uma de suas escoras.

Na sequência de seu relato pessoal sobre afinidades com nossa história intelectual, aponta as principais linhas teóricas desenvolvidas

por brasileiros que contribuíram para o debate latino-americano no campo da comunicação. Elas tratam do nacional-popular, da contra-hegemonia da cultura popular e da globalização.

Sobre o nacional-popular, revela que, para pensar o papel dos meios na sua formação histórica, foi fundamental o texto “As ideias fora do lugar”, de Roberto Schwarz (1981), capaz de esclarecer as disjunções entre o contexto histórico e político latino-americano e as teorias que circulavam para entendê-lo. Nesse mesmo âmbito, recupera um texto¹ de Marilena Chauí, no qual teoriza sobre a formação da cultura e identidade brasileiras, retoma os estudos de Wisnick e Squeff e acrescenta as contribuições de José Mario Ortiz Ramos, sobre o cinema brasileiro, como exemplares para a análise dos meios nesse contexto.

Nesse aspecto, outro autor ausente em *Dos meios às mediações*, mas que ganha relevância por ter tratado do tema da constituição da indústria cultural brasileira é Renato Ortiz, reconhecido por sua discussão estabelecida em *A moderna tradição brasileira* (1988), na qual aponta a formação de uma cultura internacional-popular, para compreender o relevo da exportação da telenovela brasileira.

Em pelo menos dois aspectos, a obra do sociólogo, e antropólogo por opção, Renato Ortiz tem uma proximidade orgânica com as preocupações epistêmicas (e suas implicações políticas) de Martín-Barbero: quer pensar o Brasil, assim como este pensa a Colômbia e América Latina, para além do estruturalismo, em função de objetos que só podem ser construídos em perspectiva histórica e fora dos contornos das disciplinas.

Para Ortiz (2017), era impossível escapar da história para compreender a modernidade periférica e a identidade nacional brasileira; para Martín-Barbero, vindo da semiologia, era necessária uma abordagem cultural para entender o apreço das classes populares pelo melodrama. Em um momento de raros estudos nas ciências sociais

¹ *O nacional e o Popular na cultura brasileira*, publicado pela Brasiliense em 1983, foi fruto de seminário homônimo, promovido pela Funarte.

acerca de um objeto sem prestígio cultural, em parceria com Sílvia Borelli e José Mário Ortiz Ramos (1989), Ortiz dedica-se à história e produção das telenovelas brasileiras em um projeto originalmente concebido para abordar o consumo das telenovelas pelos diferentes segmentos sociais. As confluências entre os autores passam também pelo interesse no sentimentalismo melodramático das telenovelas, pelo caráter barroco das culturas orais e suas conexões com os processos de mundialização da cultura e da globalização econômica (Ortiz, 1996, p. 22).

A ousadia de Ortiz e Martín-Barbero em destacar a “cultura de massa” e os modos equivocados de ver o povo como massa pode ser comparada à de Sergio Miceli em estudar o programa Hebe Camargo na década de 1970 – quando a Sociologia se dedicava aos temas “relevantes”. A aparente banalidade dos objetos é reveladora da articulação entre vida nacional, Estado e políticas de cultura.

Ortiz e seu exame das relações entre Estado, cultura popular e identidade nacional em *Cultura brasileira e identidade nacional* (1985), assim como em *A moderna tradição brasileira* (1988), desloca o debate marxista da alienação e da falsa consciência para o da hegemonia (2017): ver as relações de força em um novo campo cultural onde as formas de dominação tomam configurações distintas, mantendo-se a subordinação das classes subalternas sem necessariamente a dominação cultural centrar-se exclusivamente na ideologia das classes dominantes (1985, p. 77-78). Vale dizer o mesmo de todo projeto intelectual de Martín-Barbero, que é enfrentar a crítica ideológica pela admissão de que um processo social combina dominação e atendimento das demandas populares para obtenção do consentimento, em uma clara alusão a Gramsci, de *Literatura e vida nacional* (1978).

Na sua narrativa pessoal de afinidades e dívidas para com o Brasil, Martín-Barbero ressalta a compreensão da cultura popular como modos de enfrentamento da cultura hegemônica, enfatizando a superação precoce da razão dualista alcançada aqui, a qual impede

o entendimento das relações entre o popular e o massivo, além de barrar projetos políticos em que os meios pudessem figurar como agentes culturais.

Nesse tema aponta a contribuição tanto de textos teóricos quanto de pesquisas lastreadas em empiria. Entre os primeiros, está Roberto DaMatta e seu trabalho sobre a antropologia da saudade, bem como Carlos Rodrigues Brandão e sua reflexão sobre cultura de massa e popular. Refere-se ainda, por um lado, ao trabalho de Luiz Beltrão; por outro, ao de Regina Festa e de Luis Fernando Santoro a respeito da “teoria das brechas”, assim como ao de Muniz Sodré sobre a cultura negra. Entre os segundos, menciona a pesquisa pioneira de Sergio Miceli (programa Hebe Camargo e seu auditório), de Carlos Eduardo Lins da Silva (recepção do Jornal Nacional entre operários), de Ana Maria Fadul (recepção crítica), de Maria Immacolata Lopes (programa radiofônico de Gil Gomes), de Mauro Wilton Sousa (televisão e trabalhador urbano) e de Ondina Fachel Leal (recepção da novela das oito). Ou seja, todas explorações no âmbito da cultura de massa e sua relação com o universo popular que inovavam ao dar um tratamento adequado aos receptores.

Além disso, dá relevo às iniciativas institucionais para o desenvolvimento da área, apontando o papel da Intercom no avanço dos debates e outras iniciativas como o seminário “Sujeito, o lado oculto do receptor”, assim como as reflexões de antropólogos como Ruth Cardoso, Gilberto Velho e Everardo Rocha que trabalharam questões sobre cidade e cultura contemporânea.

Por fim, a terceira problemática, segundo Martín-Barbero, onde o pensamento brasileiro é fundamental, diz respeito à compreensão da globalização. Três grandes teóricos brasileiros são destacados: Milton Santos, Otávio Ianni e Renato Ortiz. Este último permanece em evidência já que, do nosso ponto de vista, tem a abordagem que mais se aproxima da discussão conduzida pelo próprio Martín-Barbero no âmbito da comunicação, justamente por centrar sua discussão na cultura mundializada.

O relevo dado ao trabalho de Milton Santos, entre outras coisas, diz respeito à crítica sobre a unificação do espaço, mais que à sua integração, consequência da globalização econômica e tecnológica; ao de Ianni remete-se à sua percepção de que as teorias sociológicas, que tem como centro a sociedade nacional, já não dão conta do processo de globalização sofrido pelas nações. Todos dão pistas de que há um novo objeto a ser tratado que necessita de novas abordagens. E é nessa mesma busca que se encontra a trajetória de Martín-Barbero, como se acompanha na longa conversa desafiada com seus entrevistadores.

Para nós, parece evidente que as noções barberianas de popular-massivo e popular-memória contribuem para a elucidação das bricolagens entre o moderno e o tradicional nos meios de comunicação. Contudo, do nosso ponto de vista, não estão restritas somente às décadas anteriores, ao contrário, se estendem ao que hoje se designa por sociedade digital, já que não se pode ignorar a “presença avassaladora do objeto técnico” (Sodré, 2014). A incorporação de consumidores e produtores não passa somente pelas mutações tecnológicas propiciadas pelo capitalismo, mas por práticas culturais que não cabem nos projetos dos engenheiros da cibersociedade. Nas palavras de Ortiz, elas não são atributos do mercado, nem mesmo com sua abrangência planetária (1994; 1996; 2000). Falando do presente, na América Latina e Brasil, seguramente podemos afirmar a persistência de modos tradicionais de vida que não se limitam a uma faceta da modernização conservadora e excludente. Martín-Barbero tem sido incansável no seu trabalho de esmiuçar algumas dessas práticas, embora também dê mostras de afinidade com uma visão desencantada, própria das teorias críticas.

Cabe ao leitor costurar os inúmeros fios dessa “charla”, assim como esgarçar os nós e talvez, se for esse seu desejo, investir ainda mais em perceber como Martín-Barbero se torna Barbero. Aqui, apenas algumas pistas foram lançadas nessa direção, um dos motivos pelos quais nos interessamos pelos relatos desse contumaz falante.

Referências

- GRAMSCI, Antonio. *Literatura e vida nacional*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.
- _____. Lo que la investigación latinoamericana de comunicación debe al Brasil. Relato personal de una experiencia intercultural. In: LOPES, Maria Immacolata (Org.). *Vinte anos de ciência da comunicação no Brasil: avaliação e perspectivas*. Santos: Unisanta/Intercom, 1999.
- _____. *La palabra y la acción: por una dialéctica de la liberación*. Bogotá: Editorial Pontificia Universidad Javeriana, 2018.
- ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- _____. *A moderna tradição brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- _____. *Mundialização e cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- _____. *Um outro território. Ensaio sobre mundialização*. São Paulo: Olho d'Água, 1996.
- _____. *O próximo e o distante: Japão e modernidade-mundo*. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- _____. Renato Ortiz: tecido da escrita, teia da memória. *Matrizes*, v. 11, n. 3 set./dez. 2017. p. 91-112. [Entrevista a VICENTE, Eduardo; VENANZONI, Tiago Siqueira; SOARES, Rosana de Lima.]
- ORTIZ, Renato; BORELLI, Sílvia Helena Simões; RAMOS, José Mário Ortiz. *Telenovela: história e produção*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- SODRÉ, Muniz. *A ciência do comum: notas para o método comunicacional*. Petrópolis: Vozes, 2014